

Avicultura

INDUSTRIAL.COM.BR

Nº 06|2017 | ANO 108 | Edição 1267 | R\$ 26,00

ISSN 1516-3105

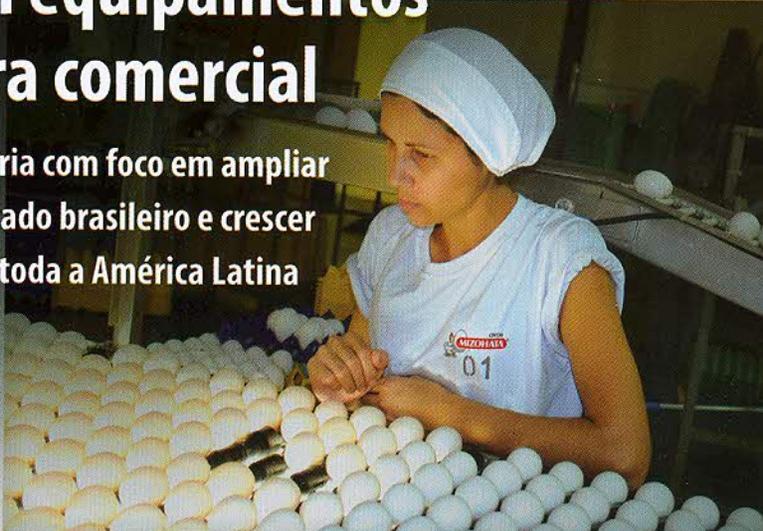
Gessulli
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO



ATI Plasson

A nova força em equipamentos
para postura comercial

Empresas fecham parceria com foco em ampliar
a participação no mercado brasileiro e crescer
em exportações para toda a América Latina



EUBIÓTICOS X PROMOTORES DE CRESCIMENTO: É POSSÍVEL VENCER ESSE DESAFIO?

Desde 1997, a União Europeia iniciou a restrição de alguns APCs específicos, culminando com a restrição total do uso dessas substâncias em janeiro de 2006. Nesses países, existe grande pressão dos consumidores sobre o governo, o que gera muitas vezes a adoção de medidas visando a opinião pública, e não a segurança alimentar

Por | Bruno Reis de Carvalho¹, Luiz Fernando Teixeira Albino², Fernando de Castro Tavernari³

Enquanto o consumidor brasileiro ainda carece de esclarecimentos acerca do mito do uso de hormônios na produção de aves, a indústria avícola lida com um cenário cada vez mais real, eminente e desafiador no Brasil: a retirada dos antibióticos promotores de crescimento (APCs) da produção avícola. Essa situação já foi estabelecida na Europa e agora nos Estados Unidos, no entanto, necessita de alguns esclarecimentos e, principalmente, de alternativas, para garantir que não haja perda nos índices de produtividade atingidos pelo setor.

A utilização dos APCs iniciou-se após a segunda grande guerra, com a necessidade de produzir alimentos de forma mais rápida e com maior concentração de animais, ou seja, maior densidade populacional. Inicialmente foi disponibilizado no mercado a comercialização de produtos conhecidos como "fatores de crescimento não identificados", ou UFG (*Unidentified Growth Factors*) que, ao serem adicionados na ração, promoviam maior desenvolvimento, sem conhecer-se, no entanto, a razão desse efeito. Posteriormente, estudos com animais *germ-free* mostraram o efeito depressor da presença de microrganismos entéricos, abrindo as portas para o uso de antimicrobianos na produção animal em larga escala. Atualmente, os APCs disponíveis no mercado chegam a ser responsáveis por 15% dos valores de ganho de peso,

além de corrigirem eventuais falhas de manejo, permitirem maior densidade de criação, aumentarem o tempo de reutilização da cama e reduzirem a contaminação de carcaças no abatedouro.

Com o advento dos APCs surgiu também a preocupação com a perda de sensibilidade dos mesmos para tratamento humano. Outra questão seria a presença de resíduos destes produtos em alimentos de origem animal, acompanhada pela exigência do consumidor de alimentos seguros e de qualidade. Mesmo com o surgimento de drogas não absorvíveis pelo trato gastrointestinal específicas para uso animal e com período de carência estabelecido, o aparecimento de dados sobre resistência bacteriana em outros setores fez com que precauções fossem tomadas por órgãos governamentais a fim de regulamentar o uso destas substâncias.

Desde 1997, a União Europeia iniciou a restrição de alguns APCs específicos, culminando com a restrição total do uso dessas substâncias em janeiro de 2006. Nesses países, existe grande pressão dos consumidores sobre o governo, o que gera muitas vezes a adoção de medidas visando a opinião pública, e não a segurança alimentar. A questão é ainda maior se visto que, além de grande importador de produtos animais, o bloco é forte formador de opinião, influenciando outros importantes exportadores como blocos asiáticos e o Oriente Médio.



Nos Estados Unidos e no Canadá, a retirada dos APCs é uma atitude das indústrias alimentícias, o que gera, em conjunto com o governo, uma abordagem preventiva, juntamente com sistema rígido de controle da prescrição de drogas, criando o uso consciente desse tipo de medicamento. No Brasil, alguns produtos já tiveram o uso proibido, entretanto a posição do governo é apenas recomendar o não uso geral de antibióticos como APC, ficando a utilização a cargo do produtor sua utilização ou não.

Independentemente da postura de se proibir o uso de APCs ser fundamentada ou não, o fato é que o uso desses produtos está com os dias contados. Seja por pressão do consumidor ou do governo, em pouco tempo a indústria avícola terá que encarar este desafio. Pensando nisso, instituições de pesquisa e empresas do setor tem se antecipado e tem proposto soluções que auxiliem o equilíbrio do microbioma entérico. Os aditivos que se dispõem a manutenção da saúde intestinal são chamados eubióticos, e dentro desta classe

de produtos estão os ácidos orgânicos, óleos essenciais, probióticos e prebióticos.

Os eubióticos conseguem controlar e modular as bactérias intestinais de diversas formas, seja por desestabilizar a permeabilidade da membrana microbiana como ocorre na administração de extratos vegetais como o timol e eugenol, seja por selecionar positivamente o crescimento da flora intestinal benéfica como no caso dos prebióticos e probióticos. Por atuarem de maneiras diferentes, a suplementação desses produtos em conjunto pode ser um recurso interessante em algumas situações.

Além de terem um apelo mais 'natural' em comparação aos APCs, visto que se utilizam de substâncias encontradas na natureza e presentes no cotidiano do consumidor, os eubióticos apresentam ainda algumas vantagens em relação a utilização dos APCs, como aumento da digestibilidade dos nutrientes, estímulo às enzimas digestivas, melhora na resposta imune, controle da produção de amônia, mo-



Nos Estados Unidos e no Canadá, a retirada dos APCs é uma atitude das indústrias alimentícias, o que gera, em conjunto com o governo, uma abordagem preventiva, juntamente com sistema rígido de controle da prescrição de drogas, criando o uso consciente desse tipo de medicamento



dificações morfo-histológicas positivas no trato gastrointestinal, sendo observado em alguns casos até mesmo a prevenção da salmonelose devido ao efeito na melhoria da saúde intestinal. Além disso, estudos mostram que essas substâncias podem apresentar atividade antioxidante e trazer melhorias na qualidade da carne em animais no estresse por calor.

Apesar de resultados positivos em pesquisas, muitas vezes os eubióticos não apresentam esses mesmos resultados no campo. Isso se deve ao fato de que muitos erros de manejo e falhas nas normas de biossegurança são ençobertas quando os APCs são utilizados, tornando a sua retirada extremamente

danosa aos animais. Limpeza ineficiente, tratamento inadequado da cama, curto tempo de vazio sanitário e mesmo a baixa qualidade da água e ingredientes das rações aumentam a pressão sanitária e devem ser evitadas, independente do uso ou não de eubióticos ou APCs.

Frente a isso, é fato que brevemente teremos no Brasil o mesmo desafio que passam, atualmente os produtores americanos, de continuarem eficientes sem a utilização dos APCs. Se empregados corretamente e aliados a melhoria nas condições de manejo e de biossegurança, os eubióticos podem vir a ser importante ferramenta estratégica para melhorar a saúde

intestinal dos animais em desafio, permitindo que as aves possam expressar todo seu potencial genético de crescimento e gerar um produto de qualidade e atrativo ao consumidor. ¹

¹Doutor em Zootecnia - UFV, Viçosa, MG

²Professor Titular do Departamento de Zootecnia da UFV

³Embrapa Suínos e Aves - Concórdia, SC

As Referências Bibliográficas deste artigo pode ser obtidas no site da Avicultura Industrial por meio do link:

www.aviculturaindustrial.com.br/apc1267

Ecogás
A SOLUÇÃO DEFINITIVA
EM GERAÇÃO DE CALOR

**OS MELHORES
AQUECEDORES
PARA AVES
DO MERCADO**

WWW.ECOGAS.COM.BR
+ 55 (35) 3851-1857

FABRICAÇÃO NO BRASIL

AQUI VOCÊ PODE COMPRAR COM O CARTÃO BNDES

BNDES
Pague em até 48x pelo BNDES

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PRODUTO

- ▶ Climatização homogênea
- ▶ Maior movimentação das aves
- ▶ Melhor absorção dos alimentos
- ▶ Sistema totalmente automático
- ▶ Não requer mão de obra especializada
- ▶ Alta eficiência, baixo consumo de gás